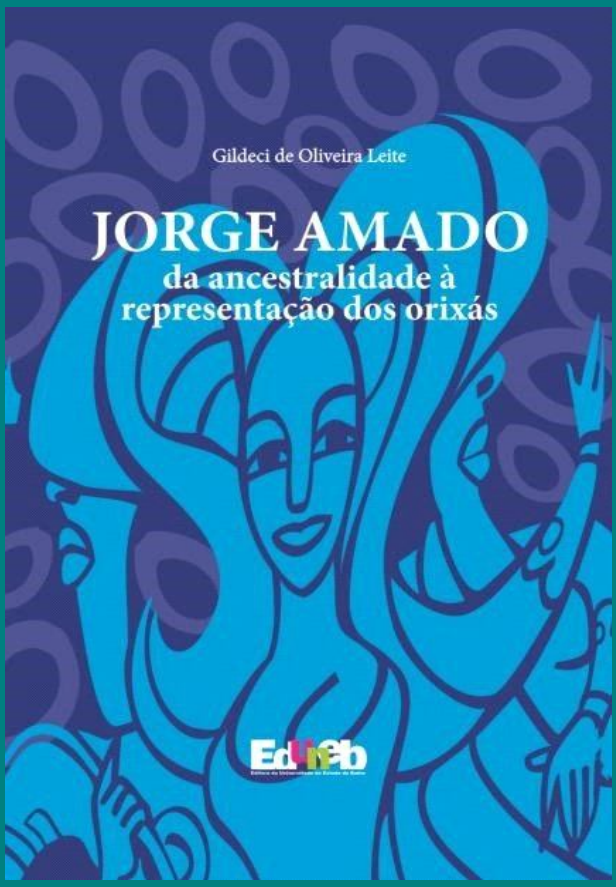
ANCESTRALIDADE E AFIRMAÇÃO

Cid Seixas

Jorge Amado: da ancestralidade à representação dos orixás é um livro resultante de uma pesquisa para obtenção de grau acadêmico que, ao contrário da maioria das dissertações e teses que ficaram restritas às idiossincrasias de uma banca examinadora, teve um destino mais produtivo. Lançado em 2008, pela Editora Quarteto, depois de esgotada a primeira edição, o livro foi republicado pela Editora da UNEB.

Diga-se, como ponto de partida, que este trabalho de Gildeci de Oliveira Leite tem como mérito essencial desvelar

diante dos nossos olhos assombrados um fato instigante no romance ***Dona Flor e seus dois maridos***, de Jorge Amado. A força da cultura afro-baiana dita a trama e o destino dos personagens, retirando do autor o poder de de-



Capa da segunda edição do livro.

cidir as palavras e os gestos das suas criaturas de papel.

Isto quer dizer que Vadinho, Flor e Teodoro Madureira não agem conforme o projeto traçado por Amado. Eles abandonam o ***script*** imaginado pelo criador e obedecem a uma força telúrica que veio da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros: os desígnios dos encantados. Quando o narrador conta que Dona Flor é filha de Oxum; Teodoro, de Oxalá; Vadinho, de Exu, os orixás que se tornaram donos da cabeça das criaturas, sem pedir licença ao criador da ficção, traçam uma outra realidade: os personagens passam a agir conforme as forças ancestrais que os animam.

A partir daí, quem procura conhecer as preferências dos orixás descobre que os homens cumprem a vontade dos deuses. Flor, embora não tenha tido filhos, é a doce mãe Oxum; assim como Vadinho traz consigo as capetagens e a generosidade de Exu para com os seus protegidos.

Um exemplo desta generosidade de Elegbará transmitida a seu filho, o ego-

Gildeci de Oliveira Leite.

ísta Vadinho, é a cena do romance em que, já habitando as terras de Olorum nas fronteiras do sem fim, o finado malandro visita o cassino e põe dinheiro no decote da velha prostituta Madame Claudette, com quase 70 anos e já sem os predicados dos velhos tempos. Para que ela e outros amigos de boemia e vida vadia ganhem as apostas, o egum vira a roleta, joga fichas no ar e muda o jogo. Mirandão e Arigof recuperam as perdas. Filho de Xangô, um ganha 12 vezes 96

contos. Como nos lembra Leite, 12 é o número de Xangô e 96 um múltiplo.

Os estudiosos do texto literário de formação racionalista, provavelmente, verão com desconfiança a afirmativa acima, segundo a qual o criador perde o controle sobre o destino das criaturas para uma força que não é sua. Independentemente de se acreditar ou não nos encantados do candomblé, ou nos cantos das musas do mundo grego, insisto na mística do mistério. Lembre-se que Jorge Amado, mais de uma vez, afirmou que depois de iniciada a história, alguns personagens adquirem vontade própria e não mais aceitam o papel que lhes foi destinado pelo autor. Assim, para não comprometer a trama que a si mesmo tece, Amado passa a ouvir as vozes das suas criaturas. Ele afirma que muitas vezes teve que criar novos personagens em meio ao romance para dizer e fazer coisas que deste o início reservara a um dos protagonistas. Adquirindo vontade própria o personagem não mais aceita a missão atribuída pelo criador, passando a andar seus impróprios caminhos.

E, à guisa de conclusão, como dizem os estudiosos – ou fazendo um guisado, como se faz na minha terra de gente cabocla – convém acrescentar que Gildeci de Oliveira Leite, com as revelações deste seu livro sobre o romance ***D. Flor***, adiciona, aos mistérios da arte, os milenares mistérios ancestrais do mundo mágico deste meu povo de santo. Negros e quase brancos de alma negra, como nós, baianos, bem guardados no fundo deste recôncavo de todos os santos.